

As pequenas empresas no Corredor

Rodolpho Samorini Filho
Iomar Cunha dos Santos

Na constante de alternativas de desenvolvimento que logrem nos situar em posições de destaque no cenário nacional e internacional, assumimos que o Corredor de Transportes Centroleste caracteriza-se para o Estado do Espírito Santo não apenas como um meio de escoamento da produção de grãos agrícolas oriundos do cerrado brasileiro, mas sim, e principalmente, como mecanismo de integração da economia local às novas formas de organização e gerenciamento da produção, novas tecnologias, novos mercados, entre outros atributos da nova ordem mundial.

Mesmo pelo indiscutível perfil do Corredor Centroleste como agricultor de negócios de grande porte nas áreas de transporte e logística envolvidas no comércio exterior, na relação comercial de importação e exportação encontram-se dois grandes agentes: o importador (aquele que representa os interesses de empresas comerciais que atuam na venda a varejo, sejam elas distribuidoras, concessionárias, lojas, outras) e o exportador (o dono ou responsável pela comercialização da mercadoria). Também na efetivação dos negócios entre esses dois agentes sur-

ge uma série de serviços especializados que, por suas características, podem ser, potencialmente, oferecidas por empresas de pequeno porte.

Há de se notar, em outra perspectiva, que o transporte internacional constitui um dos elementos básicos do comércio exterior e o seu reflexo sobre as transações comerciais é ponderável. Principalmente na operação portuária, as potencialidades de prestação de serviços neste setor, hoje, que são executados por empresas de pequeno porte que se encontram instaladas nas mediações dos portos.

Sem ter a ilusão de esgotar o tema e selecionando algumas áreas, acreditamos que no gerenciamento, execução, apoio e manutenção de transporte, no processamento industrial, no armazenamento e distribuição de mercadorias afetas ao Corredor de Transportes Centroleste, inúmeras outras formas de serviços encontrarão demandas. Cursos de especialização na área portuária, de consultoria e elaboração de projetos de preservação do meio ambiente, serviços de turismo e laser, serviços de vigilância marítima e portuária, fornecimento de embalagem para acondicionamento de cargas e remessas expressas nacionais e internacionais, além do horizonte inmensurável criado pela possibili-

dade de subcontratação, terceirização e “quarteirização” já são realidade em forma de perspectivas.

A globalização da economia mundial, a busca pela qualidade total e a forte corrente preservacionista vêm influenciando e/ou determinando o rumo das organizações modernas, inserindo-as num contexto caracterizado por enormes mudanças de paradigma, dentre as quais ressaltamos a convivência da acirrada competitividade com harmoniosa cooperação dada as características comerciais do Corredor Centroleste, cujo enfoque abrange sobremaneira a relação das firmas envolvidas no mercado externo, julga-se que a competitividade dessas empresas estará relacionada à capacidade de interpretar e observarem as mudanças na nova ordem mundial.

O aproveitamento máximo das capacidades instaladas; a utilização racional da logística de transporte implantada pela Companhia Vale do Rio Doce e portos de nossa costa; os investimentos sistemáticos e contínuos na capacitação de seus recursos humanos; a adoção de modelos de gestão de produção privilegiando a flexibilidade e agilidade das suas ações – desverticalizando as estruturas e buscando associações com empresas de tecnologias avançadas; e a busca constante da qualidade total são ações que deverão ser intensifi-

cadas se pretenderem consolidar as suas posições nesse mercado.

Estes desafios, que abrangem os espaços governamentais e empresariais, carecem de ações compartilhadas dos agentes envolvidos na consolidação e expansão do Corredor, unindo esforços dos governos federal, estadual e municipal e da classe empresarial, representada pelas empresas comerciais, operadoras de terminais marítimos, indústrias e prestadores de serviços de apoio ao comércio exterior.

Assim, entendemos como relevante para o plano estratégico do Corredor e a possibilidade de inserção da pequena empresa em sua área de negócios, a atuação intensiva e sistemática das entidades governamentais e de ensino e desenvolvimento no sentido de aproximar os empresários locais dos novos conceitos de modernidade, incentivando o estabelecimento de parcerias e joint venture de nossas empresas com outras estrangeiras, seja para complementação de produtos, comercialização de mercadorias, transferência de tecnologia ou estabelecimento de mercados cativos.

Rodolpho Samorini Filho é administrador de empresas e técnico do Sebrae
Iomar Cunha dos Santos é economista e técnico do Ideies